

PARA UM PERCURSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO CONTO DE FADA “CINDERELA”

VIVIANE MARTINI¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – martini.viviane@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de estudos desenvolvidos para a escrita da dissertação de mestrado. Assim, pretende-se, por meio de reescritas feministas de contos de fada, mais especificamente do conto “Cinderela”, analisar o processo de montagem da identidade feminina.

A escolha por contos de fada se deu, pois entendemos que desde muito cedo o imaginário do sujeito é preenchido por representações de gênero, e os contos auxiliam nesse processo de determinar as normas de masculinidade e feminilidade, por meio de estereótipos de comportamento e traços que repetem o que a cultura dita. Sendo assim, a criança inicia seu processo de construção social repetindo os mesmos padrões, entendo que aquilo é o que se espera dele/a.

Confirmando o que fora dito por Jack Zipes de que os contos auxiliam na construção de identidade pela repetição de normas, as quais se tornaram parte de um imaginário coletivo e assim mantidas pela tradição, eles favorecem “as noções patriarciais e reacionárias de gênero, etnia, comportamento, e classe social” (ZIPES, 2006, p. 2). O que gera uma carência de representatividade, deste modo, as autoras feministas buscaram uma medida para os contos de fada, propondo uma reescrita dos mesmos, fazendo com que as novas narrativas tentassem fugir dos estereótipos de gênero e ideologias patriarcais, tendo em vista que os corpos não mais se conformam com as normas impostas pela cultura.

2. METODOLOGIA

Utilizando de textos que tratem sobre os estudos gênero e do corpo, buscamos analisar como os modelos de feminilidade são construídos e mantidos pela tradição, e em que momento as reescritas dos contos procuram desconstruções. Buscamos no trabalho de Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo* (1949), questionar o que é o ser mulher, e o que compete ao seu pensamento de que “não se nasce mulher, se torna mulher” (1949/2016, p.11). Outra pensadora que nos auxilia é Judith Butler com seu conceito de *performatividade* em *Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity* (1990). Desta forma, vamos olhar para o sujeito feminino como uma construção social e cultural, que passa por um processo de montagem, como uma *drag queen*, compreendendo que a Cinderela é, também, uma *drag queen*.

O trabalho teve por escolha analisar mais de um conto, para que a discussão possa contemplar a reescrita de outras autoras e de outros corpos, como também confrontar os textos de Perrault e dos irmãos Grimm, bem como a versão produzida pela Disney, a qual apontamos como cânone do nosso imaginário.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao discutir-se o que se entende por ser mulher, dentro de uma cultura patriarcal, percebe-se que a mulher por muito tempo é vista como o “Outro”, nunca em sinal de igualdade, mas como submetida e submissa ao homem. Durante sua história, a mulher era destacada por sua característica reprodutora ou por sua sexualidade, e sua função era reinar pelo lar. Com o nascimento do movimento das mulheres, certos avanços foram feitos, o voto, sendo um dos primeiros, permitiu que as mulheres, mesmo que uma pequena parcela, abrissem os caminhos para outras, assim, o movimento foi tomando forma para a luta por seus direitos.

Com o avanço do movimento, os questionamentos colocados pelo(s) feminismo(s) dá início aos estudos sobre gênero, querendo introduzir uma “redução na concepção da relação dos sexos” (HIRATA, 2009, p. 61), procurando rever a imagem que se propaga do que seria a “mulher de verdade”, sugerindo assim, por uma desconstrução da noção binária para buscar uma diversidade dos sujeitos, os quais Butler vai chamar de “corpos performativos”. Butler entende, assim, que o gênero só é construído através de uma ação feita por “um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora” (BUTLER, 2016, p. 69).

Investigando a personagem Cinderela, pelo cânone, percebemos que ela é uma reprodução do que se espera de uma mulher: sabe cuidar do lar, mesmo coberta de cinzas é bela, não guarda rancor e tem um coração puro. Essa versão de Cinderela vai ganhar o imaginário cultural com a versão dos Estúdios Disney, e esta vai se manter durante gerações. Esse fato nos fez buscar autoras que intentam ir além dessa imagem e apresentar uma nova Cinderela, quebrando os estereótipos de um feminino idealizado.

Com o início dos ditos estudos *queer*, vamos nos deparar com múltiplos corpos, e o feminino vai se apresentar de diversas maneiras, demonstrando que o gênero não se sustenta como sendo fixo. O corpo vai ser moldado de acordo com aquilo que a cultura espera dele, entretanto, com a presença dos corpos considerados “diferentes”, esses moldes deverão ser repensados. Butler utiliza do modelo da *drag queen* para demonstrar como um corpo é construído socialmente, que é através de um processo de montaria que um corpo considerado até então masculino se torna feminino. Esse processo de montagem ocorre por meio de uma transformação feita com o uso de tecnologias – perucas, maquiagem, espumas, fitas, etc – construindo um *ser* feminino, um *ser* mulher. Desta maneira, observamos que a Cinderela também passa por um processo de montaria, que somente depois do trabalho da Fada Madrinha – com o cabelo, jóias, maquiagem, vestido, sapatinho de cristal – os outros a notaram como uma mulher, fazendo dela mesma uma *drag queen*, um corpo montado, que fica na imaginação.

Um das problemáticas da montaria utilizada pela Disney é o uso de um único modelo de feminino, o que não contribui para a representatividade das mulheres. Portanto, para essa dissertação, a escolha dos contos de Barbara Walker, *Cinder-Helle* (1996), Emma Donoghue, *The Tale of the Shoe* (1997), Tanith Lee, *When the Clock Strikes* (1983), Francesca Lia Block, *Glass* (2000), e Jane Yolen, *Cinder Elephant* (2000), se deu pelo fato dessas autoras escolherem revisitar a história do sapatinho de cristal, por um viés feminista, buscando representar diversos modelos de femininos, para que a imagem que se tem de feminilidade tenha uma tradição que abarque novos modelos.

4. CONCLUSÕES

Acreditamos na importância do estudo do tema aqui tratado para o avanço de determinadas construções de femininos que são hoje vigentes no mundo. Precisamos falar sobre corpos e dos diferentes tipos de corpos para entender que não se existe somente um modelo fixado e padronizado, mas que as possibilidades de montagens são múltiplas, e as tecnologias estão aí para auxiliar nesse processo. É necessário um olhar mais atento aos corpos considerados estranhos, aos corpos *queer*, pois são eles que auxiliaram a vinda de novos femininos e de novos conceitos de feminilidade bem como uma nova visão das relações de gênero.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVIOR, S. **O Segundo Sexo**.: a experiência vivida, volume 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BLOCK, Francesca Lia. Glass. In: _____. **The rose and the beast: Fairy Tale Retold**. Nova Iorque: HarperCollins, 2000.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CINDERELLA. Direção: Clyde Geronimi, Wilfred Jackson, Hamilton Luske. Produção: Amy Bailey, Walt Disney. Estados Unidos da América, Walt Disney Productions, 1950.

DONOOGHUE, Emma. The Tale of the Shoe. In: _____. **Kissing the Witch: Old Tales in New Skins**. Nova Iorque: HarperTeen, 1999.

GRIMM, B. Ashputtel. In: _____. **Grimm's Fairy Tales**. Reino Unido: Penguin Classics, 2007.

HIRATA, H. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LEE, Tanith. When the Clock strikes. In: _____. **Red as Blood or Tales from the Sisters Grimmer**. Nova Iorque: Daw Books, 1983.

PERRAULT, C. Cinderela, or the Little Glass Slipper. In: _____. **The Tales of Mother Goose**: As First Collected by Charles Perrault in 1696. Estados Unidos da América, 2005.

WALKER, Barbara. Cinder-Helle. In: _____. **Feminist Fairy Tales**. Nova Iorque: HarperOne, 1997.

YOLEN, Jane. Cinder Elephant. In: DATLOW, Ellen; WINDLING, Terri (ed.). **A Wolf at the Door and other retold Fairy Tales**. Nova Iorque: Alladin Paperbacks, 2000, p. 17-29.

ZIPES, J. **Why Faity Tales Stick:** the evolution and relevance of a genre. Nova Iorque: Routledge Taylor & Frances Group, 2006.